18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

MAPEAMENTO AFETIVO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Análise Territorial da Quinta Coordenadoria Regional de Educação, Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro

Paisagens e territórios

AFFECTIVE MAPPING 2025 OF THE CITY OF RIO DE JANEIRO

Territorial Analysis of the Fifth Regional Education Coordination, Northern Zone of the City of Rio de Janeiro

DIAN, Gustavo
Graduando em Arquitetura e Urbanismo| Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Rio de Janeiro, RJ, BR | gustavo.dian@fau.ufrj.br | ORCID: https://orcid.org/0009-0004-9713-8344

AZEVEDO, Giselle
Professora Associada FAU/UFRJ e PROARQ / UFRJ. Doutora em Engenharia de Produção - COPPE UFRJ| Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Rio de Janeiro, RJ, BR | gisellearteiro@fau.ufrj.br | |ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6707-466X

MATHIAS, Priscilla
Mestre em Projeto e Patrimônio| Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | Rio de Janeiro, RJ, BR | priscillamathias.arq@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0005-1932-056X

RESUMO

O objetivo deste artigo é pensar as relações de espacialidade apresentadas no Mapeamento Afetivo do Rio de Janeiro, realizado em 2025 pelos estudantes de ensino fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro, com foco na Zona Norte da Cidade. Como contribuição desta análise, espera-se que seja possível a construção de cidades a partir de um planejamento urbano adequado para todos, políticas públicas mais coerentes com as necessidades de sua população e maior justiça ambiental para populações em contextos de vulnerabilidade. Essa pesquisa adota uma visão de mundo a partir do reconhecimento de indivíduos muitas vezes invisibilizados, isto é, a perspectiva de crianças do ensino fundamental das escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro. Esses sujeitos pouco levados em consideração no que tange ao planejamento urbano e seus desdobramentos, nesse estudo têm sua voz potencializada e a oportunidade de se expressarem através de desenhos e textos sobre as particularidades perceptíveis em seu entorno através do percurso casa-escola feito diariamente. O território da Zona Norte do Rio de Janeiro abriga as escolas municipais da quinta Coordenadoria Regional de Educação (5ª CRE) e devido às suas mais diversas questões envolvendo sua urbe caótica, com a presença de sérios problemas de saneamento básico, segurança pública e carência de espaços livres de qualidade, torna-se urgente compreender as particularidades desses espaços.

Palavras-chave: mapeamento afetivo; território educativo; urbanidade; cidade; arquitetura e urbanismo.

ABSTRACT

The aim of this article is to examine the spatial relationships depicted in the Affective Mapping of Rio de Janeiro, conducted in 2025 by elementary school students in the city's public school system, with a focus on the city's North Zone. As a contribution of this analysis, it is expected that it will be possible to build cities based on urban planning that is suitable for everyone, public policies more consistent with the needs of the population and greater environmental justice for populations in vulnerable contexts. This research adopts a worldview based on the recognition of individuals who are often rendered invisible, that is, the perspective of elementary school children in Rio de Janeiro's municipal schools. These subjects, who are rarely taken into consideration in urban planning and its implications, have their voices amplified in this study and are given the opportunity to express themselves through drawings and texts about the perceptible features of their surroundings along their daily home-to-school route. The territory of Rio de Janeiro's North Zone is home to the municipal schools of the Fifth Regional Education Coordination Office (5th CRE), and due to the many issues surrounding its chaotic urban landscape—including serious problems with basic sanitation, public safety, and a lack of quality open spaces—it has become urgent to understand the specific characteristics of these spaces.

Keywords*: Affective mapping; Architecture; Educational Territory; Urbanity; City; Architecture and Urbanism.*

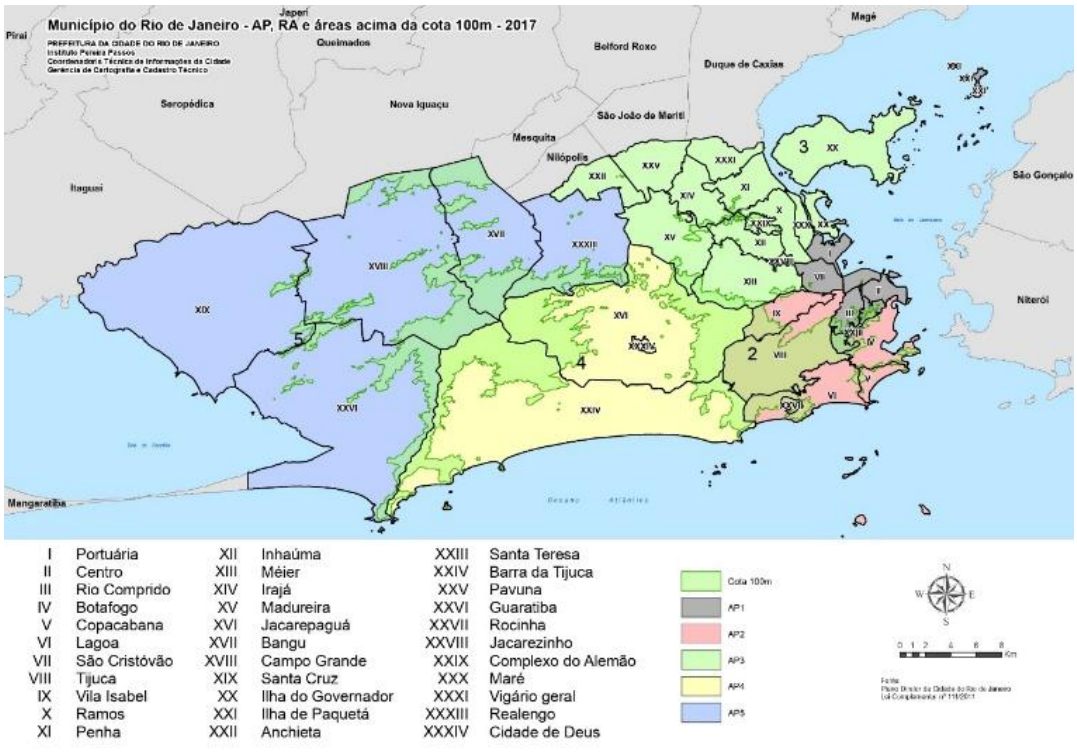
INTRODUÇÃO

Conforme a urgência promovida pela crise humanitária mundial intensificada ao longo dos últimos anos, torna-se cada vez mais necessário promover o debate público acerca de como devemos pensar as cidades e de que forma os projetos urbanos podem contribuir para atenuar, minimamente, as consequências provenientes do sistema político-social vigente no planeta. Concomitante a isso, locais de alta vulnerabilidade social perdem cada vez mais a presença do Estado, o que abre espaço para a instalação de atividades criminosas, que, na maioria das vezes, acabam por ditar o dia a dia da população local.

Oficialmente a cidade do Rio de Janeiro possui 166 bairros. No âmbito de sua organização territorial, a mesma está dividida em 05 Áreas de Planejamento (APs; Figura 01): Centro (AP-1), Zona Sul e Grande Tijuca (AP-2), Zona Norte (AP-3), Zona Sudoeste (AP-4) e Zona Oeste (AP-5), que compreendem 33 Regiões Administrativas (RAs) na sua totalidade.

O presente artigo apresenta um estudo com base em um recorte específico que abrange a Zona Norte do Rio de Janeiro – considerada atualmente uma das regiões com maior densidade populacional, extensão territorial e aspectos administrativos e sociais mais complexos da Cidade –. Sua região possui área total de 203.491.327,82 m² (aproximadamente 16% da área total do município), sendo composta por 79 bairros, agrupados em 13 Regiões Administrativas (RAs), que formam a Área de Planejamento 3 (AP3) da cidade do Rio de Janeiro.

Figura 1. Áreas de Planejamento (AP), Regiões Administrativas (RA) e áreas acima de cota 100m no Município do Rio de Janeiro.



Fonte: Data.Rio (Portal de Dados Abertos da prefeitura do Rio de Janeiro), 2023.

A Zona Norte destaca-se por ser a região com a segunda maior densidade demográfica da Cidade do Rio de Janeiro, atrás apenas da Zona Oeste, segundo dados do Censo Demográfico promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2022. A região abriga ainda cerca de 41,86% da população da Cidade. De acordo com o Plano de Desenvolvimento Sustentável e Ação Climática da Cidade do Rio de Janeiro a Zona Norte é a região ambientalmente mais degradada do município, ou seja, possui as maiores taxas de antropização e um dos menores índices de áreas verdes. Como consequência, a região tende a sofrer mais com os impactos de eventos de calor extremo, além de apresentar carência de infraestrutura urbana e aspectos de injustiça social. Ademais, apresenta o maior índice de criminalidade do Rio de Janeiro – a região concentra mais da metade dos roubos registrados no município do Rio, de um total de 51.387 ocorrências, 28.044 aconteceram nos bairros da região

Essas informações corroboram para uma análise mais aprofundada acerca da carência de implementação de políticas públicas de qualidade para a região. Somado a isso, em relação às diversas realidades no âmbito das infâncias na região em análise, acaba sendo fortemente necessária a presença desses indivíduos dentro do debate, além do encorajamento dos mesmos a pensar sobre a cidade e o seu papel como indivíduo formador e transformador desta paisagem. Através da atividade do Mapeamento Afetivo (MA), esses cidadãos hoje invisíveis na sociedade, conseguem expressar seus pensamentos acerca das cidades, através das suas experiências, de suas vivências e de percursos feitos cotidianamente. A ideia inicial do Mapeamento Afetivo foi proposta pelo Prof. Miodrag Mitrasinovic, da Parsons School of Design, de modo alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU - Agenda 2030.

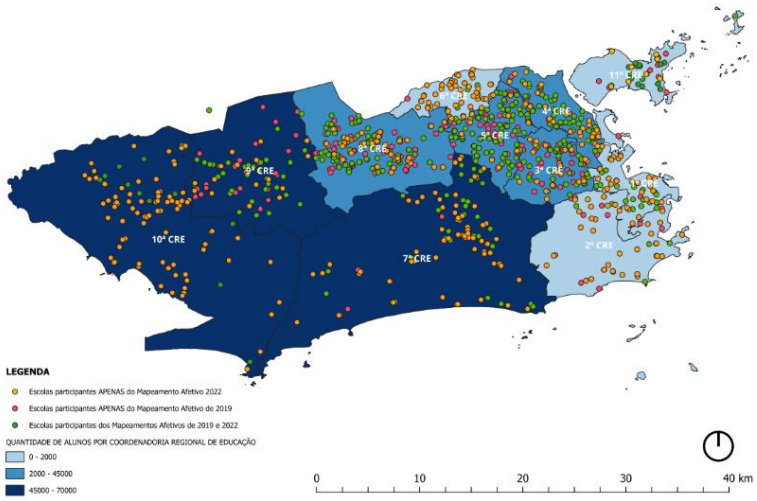
A atividade do Mapeamento Afetivo 2026 da Cidade do Rio de Janeiro é uma pesquisa que integra três Grupos de Pesquisa vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da UFRJ (PROARQ/FAU): Grupo Ambiente-Educação (GAE), Grupo Sistema de Espaços Livres no Rio de Janeiro (SEL-RJ) e Grupo Projeto e Representação do Ambiente (Proamb), em parceria com a Secretaria Municipal de Fazenda e Planejamento, a Subsecretaria de Planejamento de Acompanhamento de Resultados (EPL) e a Secretaria Municipal de Educação, todos eles constituintes da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Os resultados dessa pesquisa têm subsidiado diretrizes no âmbito da esfera pública, como o Plano de Desenvolvimento Sustentável (PDS) e o Plano Estratégico da Cidade, ambos desenvolvidos pela Prefeitura e em fase atual de revisão. Conforme menciona Azevedo (2024):

> (...)Tem sido possível contribuir com a implantação de ações e políticas alinhadas às necessidades e anseios da Cidade do Rio de Janeiro, com a participação dos estudantes das escolas públicas de ensino fundamental, na busca pela garantia dos seus direitos e do seu acesso à cidade. (Azevedo, 2024, p.123).

O Mapeamento Afetivo foi concebido com a proposta de ser realizado uma vez por ano, como atividade curricular nas escolas. Em sua primeira edição, no ano de 2019, o estudo abrangeu 734 escolas municipais participantes e 40.000 estudantes – compreendendo todos os anos escolares, inclusive Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDI). Como resultado foram tabulados pela equipe de pesquisa em 2019, um total de 13.376 documentos. Já a segunda versão aconteceu no ano de 2022, abrangendo 758 escolas municipais participantes, porém, nesse mapeamento, foi realizado apenas com os alunos do 3°, 5°, 7° e 9° ano. Como resultado, obteve-se um total de 98.000 estudantes participantes e 96.883 documentos tabulados, a maior

quantidade documentos analisados dos três mapeamentos. Nos anos de 2020 e 2021 não foi possível a realização do estudo devido à pandemia de COVID-19 e às medidas necessárias de distanciamento social e restrições de circulação. O Mapeamento Afetivo de 2025 aconteceu apenas com estudantes do Ensino Fundamental, especificamente, com turmas de 5° ano. Neste ano 140 escolas participaram desse estudo e foram recolhidos cerca de 4.425 documentos, porém até o momento em que este artigo estava sendo escrito, estes documentos ainda estavam em processo de análise e tabulação pelas equipes de bolsistas, mestrandos e doutorandos voluntários. É possível observar com clareza a distribuição das escolas participantes dos três mapeamentos na imagem seguinte (imagem 2).

Figura 2. Escolas participantes dos Mapeamentos Afetivos de 2019, 2022 e 2025 e quantidade de estudantes por CRE.



Fonte: Grupos GAE, Proamb e SEL-RJ, 2025

Como resultado dessa proposta, foi concebido o “Dia D” das atividades, realizado simultaneamente em toda a rede municipal de ensino da Cidade do Rio de Janeiro, matriculados e cursando o 5° ano do ensino fundamental. O método que subsidia o Plano de Desenvolvimento Sustentável (PDS) incorporou a valoração do processo participativo, a partir da primeira infância, como premissa principal de análise, assim tem-se como principais objetivos a produção coletiva do Mapeamento Afetivo da Cidade do Rio de Janeiro; o protagonismo de crianças e jovens como agentes transformadores; a reflexão, a participação e a formação cidadã; a espacialização e georreferenciamento das informações processadas; e a contribuição para o Plano de Desenvolvimento Sustentável.

Foram produzidos formulários provenientes da atividade citadas que foram recolhidos, catalogados e divididos pelas Coordenadorias Regionais de Educação (CRE), posteriormente o material em formato de textos e/ou desenhos, produzidos por esses jovens transformadores, foram analisados e catalogados, sobretudo por coordenadores, mestrandos e doutorandos, e estudantes da graduação, que analisaram as especificidades de percepções e desejos dos estudantes, a partir disso, sua percepção dos espaços públicos da cidade vivenciados cotidianamente, em diferentes realidades e contextos urbanos.

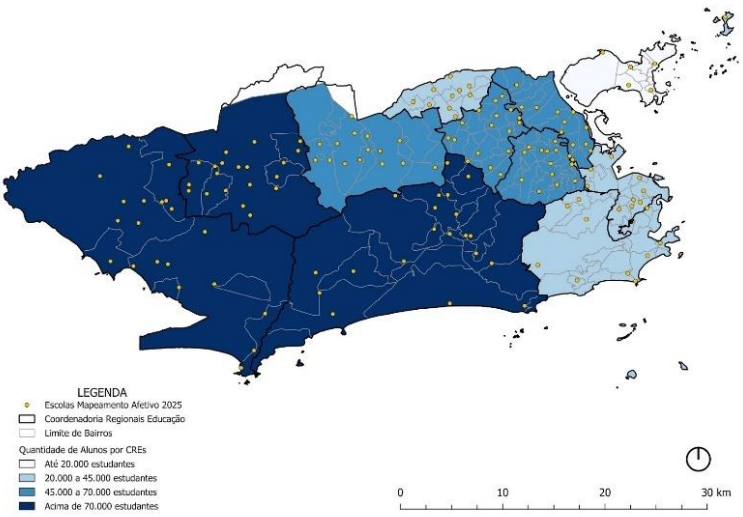
O conceito de território educativo é uma construção teórica e prática coletiva, que reconhece o papel da cidade educadora, como um território de políticas, escolas, famílias e comunidades, assumindo como desafio permanente a formação integral, não só, mas principalmente de crianças e jovens. Segundo a socióloga Iara Rolnik Xavier, "Ele é construído com base nos percursos diários trabalho-casa, casa-escola, das relações que se estabelecem no uso dos espaços ao longo da vida, dos dias, do cotidiano das pessoas, e não por qualquer estrutura anterior a esses processos" 2015 pag.35. Nesse sentido, o trabalho do Mapeamento Afetivo baseia-se na discussão acerca da criança como sujeito de direitos, a partir de seu contexto espacial e do seu habitar na cidade. Assim, as crianças e os jovens, que geralmente não têm oportunidade de opinião e participação em políticas públicas, são reconhecidos como sujeitos políticos e agentes transformadores, em uma concepção das infâncias como cidadania crítica (Azevedo, 2019), ou seja, são pensados como coautores e construtores do território educativo.

Ao trazer as infâncias para dentro do debate urbano, pretende-se amenizar a visão do espaço como prerrogativa e soberania dos adultos e traçar novas perspectivas de cidade como um território educativo. Inspirados por Lima (1989) e Paulo Freire (2001), reconhecemos o papel formativo da cidade para a educação (Azevedo, 2019), pois é através das vivências experienciadas na cidade que é possível o desenvolvimento das diferentes formas de enxergar o mundo por parte das crianças e, dessa maneira, provocar visões mais críticas e concretas em relação ao espaço urbano.

MAPEAMENTO AFETIVO 2025: METODOLOGIA

A rede Pública Municipal do Rio de Janeiro constitui o maior percentual da América latina, com um total de 1.540 Unidades Escolares e 626.778 estudantes divididos em 11 Coordenadorias Regionais de Educação, que chamamos comumente de CREs. No Mapeamento Afetivo de 2025, houve uma revisão metodológica em relação às versões anteriores, assim, a escolha das escolas foi condicionada por alguns critérios de seleção. Com o objetivo de favorecer uma melhor distribuição coerente de seleção dessas escolas por todo o território da cidade do Rio de Janeiro, foram adotados parâmetros como as manchas de vulnerabilidade territorial, desenvolvidas pelo Grupo SEL-RJ, a quantidade de estudantes por Coordenadoria Regional de Educação (figura 3), as particularidades do território relativo à análise de tecidos urbanos e centralidades por CRE e a determinação de escolas de 1° segmento do Ensino Fundamental (com foco nas turmas de 5° ano). Além desses critérios foram determinados alguns outros fatores menores de seleção, como a quantidade de estudantes, a participação e contribuição das escolas nas outras edições do Mapeamento Afetivo, projetos junto à Prefeitura, ONGs e parceiros nos territórios.

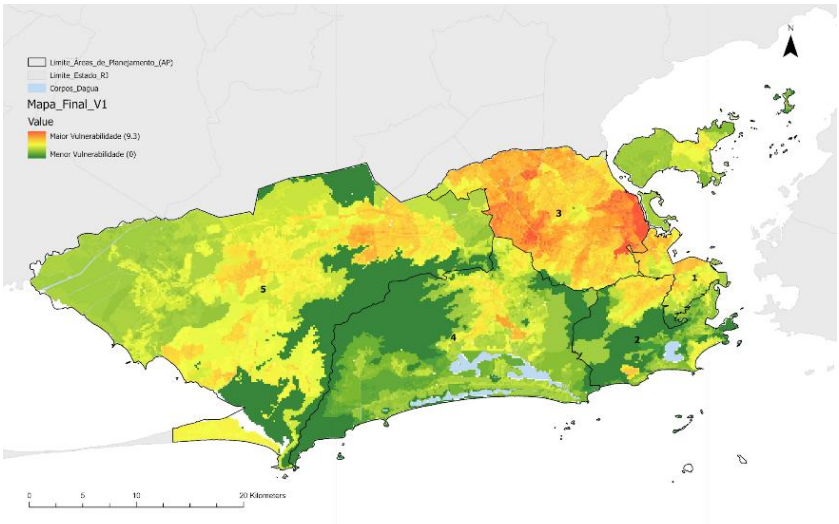
Figura 3. Distribuição das escolas participantes do Mapeamento Afetivo de 2025 e quantidade de estudantes por CRE.



Fonte: Grupos GAE, Proamb e SEL-RJ, 2025.

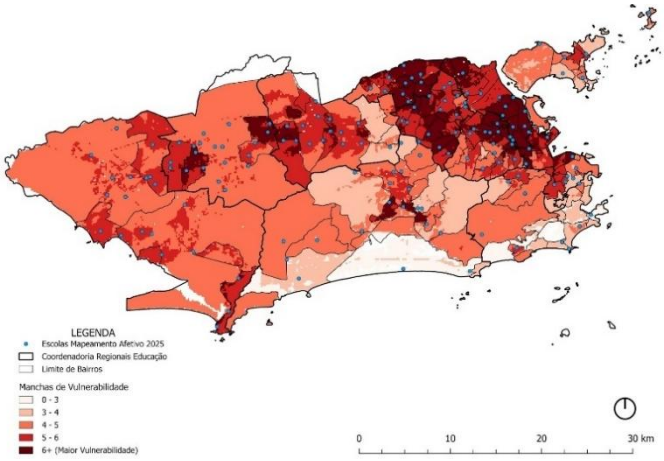
Inicialmente, as manchas de vulnerabilidade (figura 4) foram introduzidas como um dos principais critérios de escolha. Essas manchas levam em consideração aspectos socioeconômicos, dados de segurança pública, territórios e suas especificidades, além de aspectos ligados ao meio ambiente e à saúde. O mapa resultante da integração desses dados está presente no mapa de Escolas Municipais Participantes do Mapeamento Afetivo 2025 e Manchas de Vulnerabilidade (Figura 5), que apresenta a distribuição das escolas selecionadas.

Figura 4. Manchas de Vulnerabilidade.



Fonte: Grupo SEL-RJ, 2025.

Figura 5. Escolas municipais participantes do Mapeamento Afetivo 2025 e Manchas de Vulnerabilidade.



Fonte: Grupos GAE, Proamb e SEL-RJ, 2025.

Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME) e com o Escritório de Planejamento foram escolhidas as escolas participantes do estudo e, a partir disso, os formulários contendo duas perguntas elaboradas pela equipe de pesquisa dos laboratórios da UFRJ foram encaminhados pela Secretaria de Educação para todas as escolas selecionadas. Conforme as versões anteriores, no formulário (Figura 6), foi elaborado um cabeçalho contendo dados pessoais de cada aluno e de identificação da instituição de ensino, seguido de duas questões voltadas à percepção do percurso realizado entre casa e escola e os desejos referentes a esse percurso. A primeira pergunta “Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.”, teve como objetivo captar as percepções dos estudantes sobre o espaço vivenciado nesse trajeto, permitindo livre expressão. Já a segunda pergunta “Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você deseja para esse percurso”, buscou identificar os desejos e expectativas dos estudantes em relação ao caminho percorrido.

Figura 6. Formulário do Mapeamento Afetivo 2025.



Fonte: Grupos GAE, P e SEL-RJ, 2025.

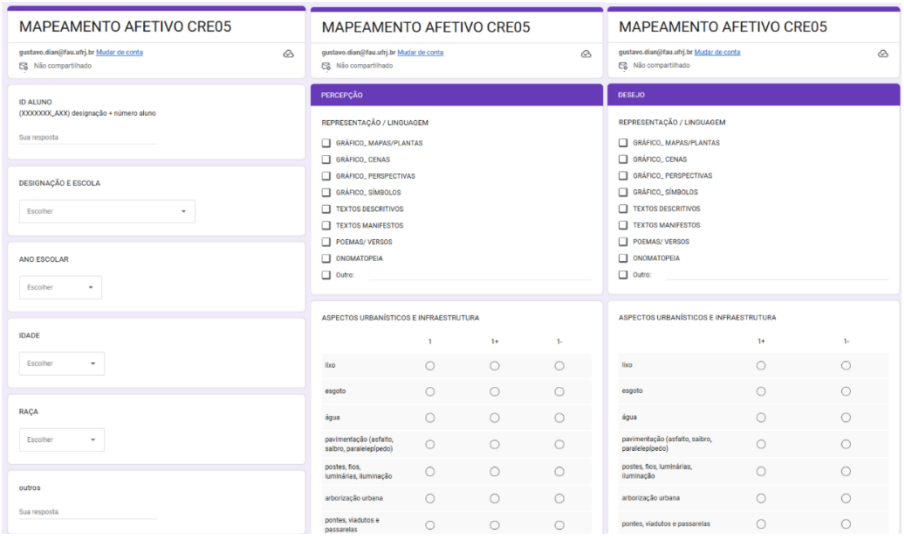
Para viabilizar a aplicação, foram elaboradas pela equipe algumas recomendações para a aplicação do mapeamento, com instruções sobre a importância de ser uma atividade espontânea a ser realizada pelos estudantes, sem interferência e/ou influência dos professores nas respostas, reforçando a ideia de que não havia resposta certa ou errada e que não se tratava de uma avaliação.

Em relação ao Mapeamento mais recente, realizado no ano de 2025, a atividade foi concebida para acontecer de forma simultânea em toda a rede de escolas selecionadas em um único dia, o dia Mundial do Urbanismo (08 de novembro de 2025), porém, devido à realização de atividades internas anteriormente programadas em algumas escolas selecionadas, a atividade do Mapeamento Afetivo teve que ser adiada para o dia 19 de novembro de 2025. Apesar desse imprevisto, foi mantida toda a metodologia previamente descrita.

Para viabilizar a complexidade da análise, a equipe da UFRJ organizou no dia 21 de janeiro de 2026 uma reunião de capacitação para o Mapeamento Afetivo 2025, destinado a auxiliar estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores e profissionais em Arquitetura e Urbanismo que compõem atualmente os Grupos de Pesquisa deste projeto, para sentirem-se mais aptos na análise dos formulários. É importante destacar que durante o diagnóstico dos resultados, buscou-se não fazer uma interpretação dos desenhos das crianças, mas proceder à leitura das respostas efetivas dadas por esses sujeitos às duas perguntas objetivamente elaboradas.

Anterior à análise dos formulários foi feita a digitalização dos documentos para que possíveis perdas fossem evitadas e facilitasse seu acesso virtualmente. A análise propriamente dos documentos produzidos foi feita em grupos divididos por CRE através da ferramenta “Formulário Forms” do Google (Figura 7). Foi realizada a padronização do estudo através das categorias de análise que mais se fizeram presentes nos mapeamentos anteriores (2019 e 2022), são elas: aspectos urbanísticos e infraestrutura; equipamentos, comércio, serviço e indústria; espaços livres e áreas verdes; acessibilidade; mobilidade; mudança climática; conforto ambiental e saúde; conforto afetivo/ cognitivo; recreação e lazer; aspectos sociais, econômicos e culturais; segurança e violência. A partir dessa ferramenta foram produzidas automaticamente planilhas com todas as informações contidas nos documentos, o que possibilitará a transformação dessas informações em gráficos tipo radar, para apresentar a distribuição das respostar por categoria tabulada e posteriormente na concepção de relatórios como uma síntese de todos os resultados obtidos, assim como foi nos mapeamentos anteriores.

Figura 7. Formulário Google do Mapeamento Afetivo 2025 – Dados, percepção e desejo.



Fonte: Grupos GAE, P e SEL-RJ, 2025.

A atividade propôs os desenhos como forma de expressão, pois compreendemos que é também a partir dele que as crianças se comunicam, expressam suas visões de mundo, além de ser uma forma de conhecer os interlocutores através de suas condições sociais, culturais e históricas. Pode-se dizer que o desenho é uma das maneiras mais eficientes de comunicação. Contudo, cabe enfatizar que os desenhos foram feitos em formato de atividade escolar, com a supervisão do professor(a), ou seja, de forma orientada e de cunho educacional, permitindo assim que as perguntas do formulário não fossem perguntas descontextualizadas ou questionários de respostas automáticas. Este dado foi comprovado através da análise dos formulários, sendo possível perceber a reflexão e motivação de cada aluno para a descrição do percurso casa-escola.

Nenhum dos desenhos teve suas características de análise psicográfica analisadas, assim como não foi feito o uso de técnicas de interpretação ou análise de cor, traçado ou uso do espaço. São comuns, na prática pedagógica escolar, atividades como a proposta de contar sobre a história do bairro, descrever os caminhos, pontos turísticos, memórias e pertencimento; dessa forma, os desenhos e textos são analisados apenas como respostas às perguntas, de forma objetiva e direta, sem a pretensão de análises psicológicas dos desenhos. Nessa perspectiva de análise dos dados, tem-se ainda a pretensão de construir um sistema de georreferenciamento de acordo com a localização das escolas e relacionado aos dados obtidos, para um acervo de consulta para a construção de políticas públicas direcionadas aos desejos da infância carioca e a partir desses estudantes.

Como já foi discutido anteriormente, a Zona norte do Rio de Janeiro é uma das regiões da cidade mais vulnerável em relação aos índices de criminalidade, sendo agravada por sua alta densidade demográfica e pela falta de iniciativas urbanísticas, sociais e econômicas que amenizem a proliferação da criminalidade. A quinta Coordenadoria Regional de Educação (5ª CRE) compreende a maior parte dos bairros dessa região, além de concentrar espaços de alta vulnerabilidade, como pode ser observado no (gráfico de vulnerabilidade – Figura 4). Com os resultados provenientes do Mapeamento Afetivo de 2025 é possível identificar diversas deficiências e problemáticas no território que necessitam devida atenção e planejamento.

DESENVOLVIMENTO

A Zona Norte (AP3) da cidade do Rio de Janeiro foi selecionada para este estudo devido à presença em seu território de inúmeras questões fundamentais para pensarmos o espaço urbano, não apenas como ele está posto, mas também como aprimorá-lo em relação a uma melhor vivência dos espaços públicos, uma extrema necessidade em pensar as questões ambientais aliadas à cidade e os enfoques das problemáticas sociais expostas nesse território tão complexo.

Localizada a norte do Maciço da Tijuca, uma importante formação montanhosa que abriga uma das maiores florestas urbanas do mundo; ao sul da baixada fluminense, uma região metropolitana no estado do Rio de Janeiro com cerca de 13 municípios, e a Baía de Guanabara; destaca-se por sua biodiversidade. A zona norte do Rio de Janeiro abriga alguns dos principais pontos comerciais, como o Mercadão de Madureira e o Norte Shopping, instituições religiosas, como o Santuário de Nossa Senhora da Penha e de entreterimento, como o Estádio do Maracanã, o Engenhão e o Pavilhão de São Cristóvão, além de que a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) também se faz presente na região, na Ilha do Fundão.

A constituição do território em que hoje é a Zona Norte começa a ser constituída em meados do século XIX e parte de uma série de mudanças de infraestrutura da Cidade e políticas higienistas por parte das elites da época. Isso é evidenciado pela seguinte passagem:

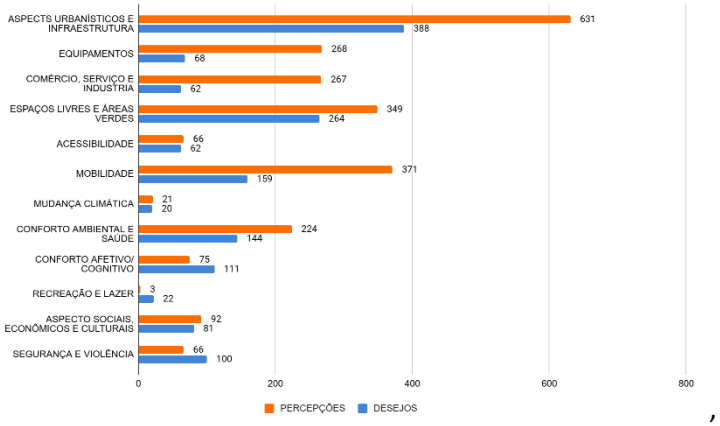
> Em meados do século XIX, o Rio de Janeiro começou a atrair efetivamente capitais internacionais que possibilitaram a alterações significativas no modo de habitar e ocupar a cidade. Houve, nesse período, a inserção de diversos serviços públicos, onde particular importância para o desenvolvimento urbano nesta cidade detém os transportes. A Estrada de Ferro Dom Pedro II, atualmente denominada Central do Brasil, inaugurada em 1858, possibilitou, a partir de 1861 com a inauguração dos serviços regulares de passageiros, a ocupação de diversos bairros suburbanos por onde ela passava. (Silveira, 2009, p.3).

Dessa maneira, o subúrbio da cidade do Rio de Janeiro foi ocupado de forma adensada ao longo da Estrada de Ferro Dom Pedro II e de um processo de segregação espacial proporcionado pelas elites cariocas. Os subúrbios, ocupados pelas classes de mais baixa renda são caracterizados pela carência de serviços básicos de infraestrutura, saúde, segurança e educação, além de serem alvos constantes de confrontos e ações policiais que, constantemente, deixam um rastro de violência estatal e inseguridade social. Para Villaça (2001) o mais conhecido padrão de segregação da metrópole brasileira é o do centro-periferia. O primeiro compreende a maioria dos serviços urbanos, públicos e privados, e é ocupado pelas classes de maior renda. Já o segundo, ocupado pelos excluídos, é desprovido de serviços plenos e de qualidade, e apresenta uma distância clara do centro. Ainda de acordo com Villaça, o espaço atua como um mecanismo de exclusão.

Através do Mapeamento Afetivo de 2025 torna-se possível traçar um paralelo da análise das respostas tabuladas dos alunos da 5° CRE com a realidade introduzida desse território vulnerável. As principais preocupações comentadas por esses estudantes de ensino fundamental, através de seus desenhos e textos, foram aspectos urbanísticos e de infraestrutura

urbana; a necessidade de mais espaços livres e áreas verdes; a melhoria da mobilidade urbana; preocupações com o conforto ambiental e a saúde; conforto afetivo/ cognitivo; aspectos de segurança e de violência (figura 8).

Figura 8. Gráfico com as principais categorias de análise resultantes do Mapeamento Afetivo de 2025 – 5ª CRE.



Fonte: Grupos GAE, Proamb e SEL-RJ, 2025.

A Zona Norte da cidade é formada principalmente por bairros residenciais de classe média, com urbanização consolidada, evolução urbana marcada pela expansão de eixos ferroviários – como citado anteriormente –, porém, segundo o Censo do IBGE de 2010, a região concentra ainda, a maior parte das favelas da capital fluminense, cerca de 27% dos moradores da Zona Norte vivem em favelas, como as favelas da Maré, Jacarezinho, Manguinhos, Acari, Juramento e Alemão (Figura 9).

Figura 9 Desenho de percepção de entorno; edificações, adensamento urbano – 5ª CRE.



Fonte: Grupos GAE, Proamb e SEL-RJ, 2025.

Segunda a Análise Qualitativa das densidades construídas em regiões da Cidade do Rio de Janeiro, produzido pela Prefeitura da Cidade, a Zona Norte (AP3) mantém um padrão médio de densidades, tanto construtiva, quanto populacional. Ainda segundo o estudo, a situação atual

da habitação mostra que o mercado imobiliário vem agindo como principal agente indutor do crescimento urbano no Rio de Janeiro, uma vez que privilegia áreas distantes do Centro, como a Zona Oeste da cidade (AP5), que apresentou crescimento considerável na relação entre área construída por habitante passando de 38,5 em 2000 para 63,2 m²/pessoa em 2013 (aumento de 64%) e além da recém criada Zona Sudoeste da cidade , que possuem grande oferta de terrenos com preços mais baixos, porém com pouca demanda habitacional e infraestrutura adequada, quando relacionada a Zona Norte.

Segundo dados apresentados pelos censos de 2010 e 2022, a Zona Norte acabou por sofrer, nos últimos anos, um esvaziamento, processo que já mostrava sinais há anos, enquanto a população das Zonas Oeste e Sudoeste aumentou de forma expressiva, o que corrobora com os dados apresentados anteriormente. Segundo o geógrafo Rafael Winter, coordenador do Laboratório Geoppol – Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Território, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em entrevista ao jornal O Globo, o mesmo esclarece que a ausência de políticas públicas voltadas, principalmente, ao combate à criminalidade, foi fator decisivo para a evasão dos moradores para regiões mais afastadas da Cidade, com ênfase nas Regiões Oeste e Sudoeste:

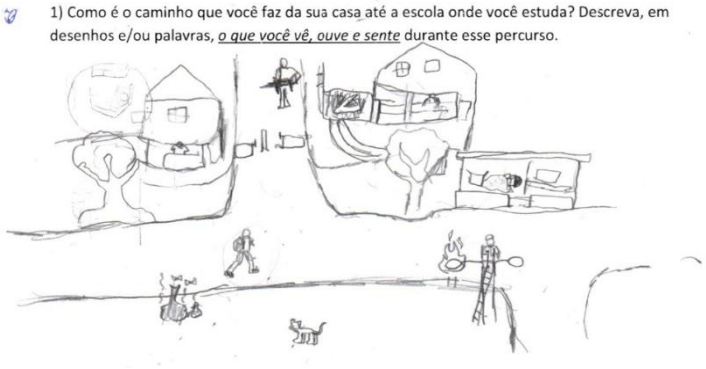
> Nenhuma política pública foi capaz de frear esse esvaziamento em uma área bem servida de infraestrutura urbana e de transportes. Vários fatores explicam isso. Parte da população, por perda de poder aquisitivo, se muda para bairros mais afastados da Zona Oeste (como Campo Grande e Santa Cruz) ou para favelas. Com isso a sensação de insegurança aumenta e quem tem mais poder aquisitivo escolhe morar na Barra ou no Recreio. (Winter, 2024).

Em relação aos aspectos de segurança e violência expressados nos Formulários Google através da análise dos dados coletados dos estudantes, é possível comprovar esta incidência de ocorrências ligadas à criminalidade e Segurança Pública, que afetam diretamente à população local através de dados provenientes do Relatório de Chacinas, produzido pelo Grupo de Estudos de Novos Ilegalismos (Gene), ligado à Universidade Federal Fluminense (UFF). Este Relatório de Chacinas identificou que, entre os anos de 2007 e 2021, 58% das chamadas chacinas policiais (operações com três ou mais mortes de civis) ocorreram na Zona Norte do Rio de Janeiro. Além disso, dados do levantamento do Instituto Fogo Cruzado revelam que a região metropolitana do Rio de Janeiro atingiu a marca de 500 tiroteios registrados em 2026, em que 46% desse total aconteceram durante ações e operações policiais. A capital fluminense registrou a maior parte desses tiroteios, cerca de 314, porém a Zona Norte lidera com 35% dessas ocorrências.

Essas operações policiais ocorrem com a justificativa de que a região apresenta altos níveis de criminalidade, um dos maiores da região metropolitana do Rio de janeiro. O Instituto de Segurança Pública (ISP) indica que, entre janeiro e novembro de 2025, a Zona Norte concentrou mais da metade dos roubos registrados no município do Rio de Janeiro, de um total de 51.387 ocorrências, 28.044 aconteceram nos bairros da região (figura 10), que lidera diferentes tipos de crimes patrimoniais. Apesar disso, o novo Mapa Histórico dos Grupos Armados do Rio de Janeiro, produzido pelo Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (Geni/UFF) e pelo Instituto Fogo Cruzado (IFC), aponta que apesar de 40 anos de operações policiais, o controle territorial armado cresceu 130% entre 2007 e 2024. Portanto, as

ações do Estado que tornam esses espaços em vulnerabilidade em um ambiente de guerra não vêm surtindo os efeitos que propõem produzir.

Figura 10. Desenho de percepção de entorno; barricadas e armas – 5ª CRE.



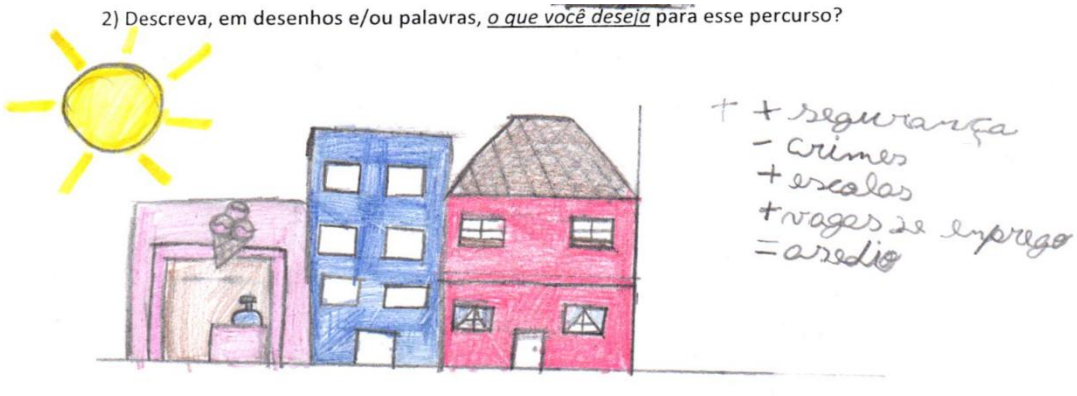
Fonte: Grupos GAE, Proamb e SEL-RJ, 2025.

A partir dos dados apresentados é possível afirmar que o Estado utiliza esses mecanismos de exclusão de espaços vulnerabilizados através de um projeto político de apartamento da periferia em relação ao centro, onde as classes mais favorecidas estão presentes. A partir das representações apresentadas pelos estudantes participantes do Mapeamento Afetivo de 2025, essa realidade está descrita como algo cotidiano, o que, de fato, fere o direito à cidade e condições fundamentais para o pleno desempenho das funções sociais dessas crianças e adolescentes presente no Estatuto da Cidade pela Constituição Brasileira de 1988, que em seu artigo 2° parágrafo I prevê:

> Garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho ao lazer, para as presentes e futuras gerações. (Estatuto da Cidade, 2001, p.15).

A transformação do olhar desses estudantes em dados descritivos da realidade traz essas visões das suas realidades, que pouco são levadas em consideração, para mais perto dos aspectos que envolvem o planejamento urbano desses espaços de convivência, permanência e passeio. As deficiências dos aspectos sociais, econômicos e culturais da região da AP3 foram muito comentadas pelas crianças que participaram do Mapeamento Afetivo (figura 11). Elas se referiam, principalmente, às subcategorias de renda, educação, relações interpessoais, cultura e desigualdade em geral.

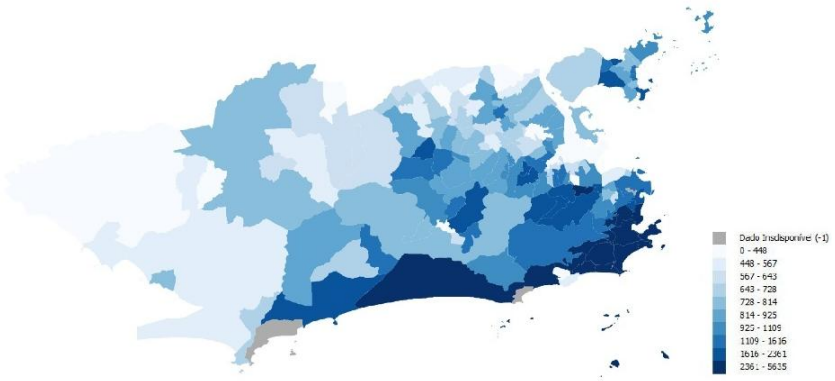
Figura 11. Desenho e texto de desejo; emprego – 5ª CRE.



Fonte: Grupos GAE, Proamb e SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2025.

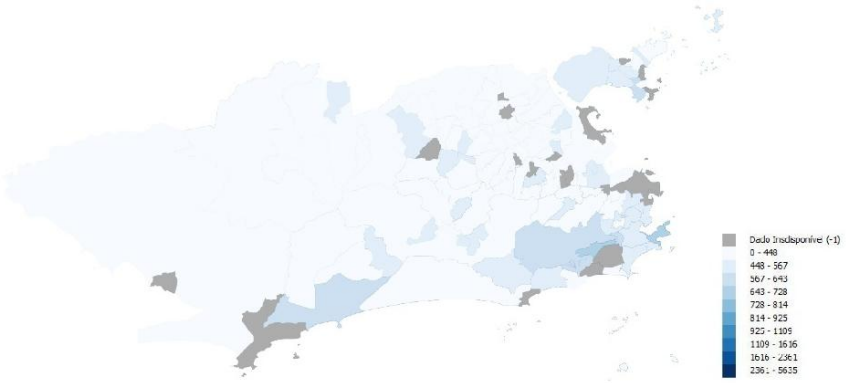
Segundo dados do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas Social (FGV), a partir da análise de microdados do Censo de 2010, a Zona Norte do Rio de Janeiro apresenta uma das menores rendas per capita relativas a população total (figura 12), com uma renda que varia entre 448 e 925 reais, em comparação com outras regiões mais favorecidas, como a Zona Sul, que possui renda média acima de 2.361 reais. Dessa forma, fica evidente as disparidades salariais e como elas variam em relação ao território. Além disso, se compararmos o mapa citado acima com o mapa de renda per capita produzido em relação aos territórios de favelas (figura 13) a disparidade salarial fica ainda mais evidente na região analisada.

Figura 12. Renda per capita da população total do Rio de Janeiro.



Fonte: Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas Social (FGV), 2010-2015.

Figura 13. Renda per capita da população de favelas bairros do Rio de Janeiro.



Fonte: Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas Social (FGV), 2010-2015.

As demandas por Espaços livres e Áreas Verdes também estavam muito presentes nos desejos (Figura 14) expressados na pesquisa do Mapeamento Afetivo de 2025. Essa demanda por Espaços Livre e Áreas Verdes é confirmada por Ferreira (2016) em sua Tese de Doutorado, onde a pesquisadora afirma que a Zona Norte é a área ambientalmente mais degradada do município do Rio de Janeiro, sendo ela a maior ilha de calor, com altos índices de poluição do ar e ruído.

> Segundo indicadores Ambientais da Cidade do Rio de Janeiro essa é a região da cidadde com o maior percentual de áreas antrópicas (95,9%) e com a segunda maior área florestrada, 3% do total dos remanescentes, perdendo só para a AP1 (centro da cidade). (Ferreira, 2016, p.32).

Dessa maneira, torna-se evidente a importância de pensarmos nos desafios relacionados à melhoria de questões relativas à arborização urbana, que ainda é extremamente excassa e sem manutenção adequada na Zona Norte do Rio de Janeiro. Ainda, segundo a autora, no cenário presente, é importante agregar ao planejamento e às políticas urbanas, ferramentas que favoreçam a manutenção e a ampliação das áreas verdes privadas, tanto em áreas privadas, como em quintais de residências unifamiliares, quanto em áreas comuns de condomínios multifamiliares.

Figura 14. Desenho e texto de desejo; arborização urbana – 5ª CRE.



Fonte: Grupos GAE, Proamb e SEL-RJ, Mapeamento Afetivo, 2025.

Como consequência da análise dos dados apresentados a respeito da Zona Norte do Rio de Janeiro, é possível afirmar que a extrema vulnerabilidade desse território influencia de forma contundente o cotidiano de sua população.

> A exclusão social tem um peso significativo para os jovens de classes sociais mais pobres, porque eles percebem essa condição e isso se manifesta através do sentimento de estigma, da insatisfação e da dificuldade de projeção do futuro e transformação da sua condição social além do contexto vivenciado. (Diniz, 2024, p.8).

Através das respostas dos estudantes disponíveis no Mapeamento Afetivo de 2025, fica evidente a importância de levar em consideração as perspectivas de moradores dos contextos urbarnos a serem discutidos nos planos municipais, principalmente crianças e adolescente, que, na maioria das vezes, suas ideias não são levadas em consideração ao pensarmos nas decisões sobre a cidade e no planejamento urbano. Confirma-se , assim, a importância de iniciativas que valorizem a participação de indíviduos geralmente invisibilizados no que tange ao planejamento urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições de ensino ocupam um espaço essencial na construção de afinidade e formação para com seus estudantes. Apesar da Rede Municipal de Escolas do Rio de Janeiro ser a maior em toda a América Latina, é possível afirmar que essas instituições de ensino apresentam uma completa desconexão em relação às vivências de seus estudantes, a partir de uma premissa de indeferimento do seu entorno imediato, ou seja, geralmente a educação continua generalista e descontextualizada em relação ao território onde se insere, desconsiderando experiências e apropriações cotidianas dos estudantes.

O despreparo da escola em lidar com as diferentes realidades e a constante negação de fatores externos a torna uma instituição apartada das diversas experiências com o espaço urbano da maioria de seus alunos. Essa lacuna institucional atrapalha a articulação de políticas públicas entre a educação e a cidade para o combate das desigualdades sociais. Particularmente nas periferias essas diferenças tornam-se ainda mais evidentes, já que, a partir dos resultados do Mapeamento Afetivo, é inegável a influência dos mais diversos problemas socioeconômicos, urbanos e ambientais no cotidiano desses estudantes.

É fundamental proporcionar a esses jovens uma educação que leve em consideração o seu contexto urbano vivenciado. Portanto a pesquisa do Mapeamento Afetivo torna-se ainda mais eficiente em revelar deficiências espaciais da urbe, a começar da perspectiva desses jovens transformadores, que se mostram muito assertivas em relação aos dados gerais apresentados, mas também expõem visões de mundo muito particulares e que pouco são levadas em conta nos planejamentos urbanos dos espaços vivenciados por esses estudantes. Vale ainda ressaltar que o método de aplicação e análise do Mapeamento Afetivo pode ser reproduzido nas mais diferentes configurações e lugares, sendo assim, uma forma efetiva de pensar o espaço urbano e propor políticas públicas a partir da perspectiva de crianças e adolescentes das mais diversas realidades socioculturais.

É preciso assegurar os direitos à cidade das populações mais vulnerabilizadas e sempre levar em consideração seus anseios no planejamento de seus espaços vivenciados. A Zona Norte do Rio de Janeiro se apresenta como uma das regiões mais complexas e vulneráveis da cidade, isso é evidenciado pelos relatos das crianças participantes do Mapeamento Afetivo de 2025 e afirmado pela análise de dados disponíveis em relação às disparidades socioeconômicas e espaciais da cidade do Rio de Janeiro. Portanto torna-se cada vez mais necessário pensar a urbe a partir das mais diversas perspectivas e realidades, com o objetivo de viabilizar e favorecer a construção de espaços mais acessíveis, com maior justiça socioambiental, com infraestrutura adequada e que compreendam a identidade cultural de seus habitantes.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) – Cientista do nosso estado (CNE) e Bolsa de Apoio Técnico (TCT5) – e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC-UFRJ) e Produtividade em Pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen (Org.). **O habitar das infâncias e juventudes:** territorialidades em rede. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ – PROARQ – GAE, 2024.

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen (Org.). **Territórios educativos.** Rio de Janeiro: FAU/UFRJ – PROARQ – GAE, 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Estatuto da Cidade.** 3. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

FERREIRA, Vera Jane Ruffato Pereira. **Uma nova variável no planejamento para o desenvolvimento urbano sustentável:** áreas verdes em quintais no subúrbio da cidade do Rio

de Janeiro. 2016. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Engenharia de Produção, Coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GLOBO. **Zonas Norte e Sul do Rio perderam moradores entre 2010 e 2022, mostram dados do Censo.** Rio de Janeiro: O Globo, 2024.

GOMES, Rafael Ferreira Diniz; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. **A educação em um contexto de vulnerabilidade social:** contribuições teóricas a partir de diálogos com a juventude favelada da Maré-RJ. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 39, n. 1, e47145, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/s0102-6992-20243901e47145.

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Centro de Políticas Sociais. **Renda Rio:** mapas de renda per capita e salário total no Município do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2018.

GENI/UFF; INSTITUTO FOGO CRUZADO. **Atualização do mapa histórico dos grupos armados.** Niterói: GENI/UFF, 2024. Disponível em: https://geni.uff.br/2024/06/04/atualizacao-do-mapa-historico-dos-grupos-armados/. Acesso em: 12 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022.** Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTO FOGO CRUZADO; GENI/UFF. **Mapa histórico dos grupos armados.** Rio de Janeiro: Instituto Fogo Cruzado, 2024. Disponível em: https://fogocruzado.org.br/mapadosgruposarmados/. Acesso em: 12 abr. 2026.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Análise qualitativa das densidades construídas em regiões da cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2021.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Áreas de Planejamento (AP), Regiões Administrativas (RA) e áreas acima da cota 100m no Município do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Data.Rio, 2023.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Plano de Desenvolvimento Sustentável e Ação Climática (PDS).** Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação, 2023.

SILVEIRA, Marcelo da Rocha. **As casas populares e a formação do subúrbio carioca.** Rio de Janeiro: DOCOMOMO Brasil, 2016.

VILLAÇA, Flávio José Magalhães. **Espaço intra-urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 2001.